



## A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO NAS CULTURAS POPULARES DE MATRIZES AFRICANAS

*Jose Geraldo da Rocha<sup>1</sup>*

*Cristina da Conceição Silva<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo trata das formas de transmissão de conhecimentos construídas no universo das culturas populares, utilizando-se da oralidade. A oralidade é uma marca fundamental na compreensão das culturas africanas. É uma herança direta da cultura africana no Brasil, que se transforma em força comunicativa quando verbalizada nos processos de ensinamentos. São apresentados aqui estratos de narrativas construídas em uma perspectiva de apreensão da história dos negros no Brasil, bem como a utilização da música popular como metodologia de ensino e transmissão de conhecimentos. Através das narrativas e da música, comunica-se a história, a vivência, os valores, os saberes e conhecimentos. Todas essas realidades se expressam na corporeidade negra, nas suas falas, danças, músicas e rituais. Os saberes comunicados por essas matrizes africanas encontram nos diversos tipos de *rodas* espaço profícuo para compartilhamento da herança ancestral.

**Palavras-chave:** Matrizes Africanas; História Oral, Conhecimento, Cultura Popular

### KNOWLEDGE TRANSFER IN POPULAR CULTURE OF AFRICAN MATRICES

**Abstract:** This article deals with the forms of transfer of knowledge built in the world of popular culture, using orality. Orality is a fundamental mark in the comprehension of African cultures. It is a direct legacy of African culture in Brazil, which turns into communicative force when verbalized. Are presented here narratives strata built from the perspective of understanding the history of blacks in Brazil, as well the use of popular music as a teaching methodology and transmission of knowledge. Through narratives and music, it communicates the history, experience, values, knowledge and skills. All these realities are expressed in black corporeality, in their speeches, dances, songs and rituals. The knowledge communicated by this African legacy found in many types of wheels fruitful space for sharing ancestral heritage.

**Key-words:** African matrices; Oral History, Knowledge, Popular Culture.

### LA TRANSMISSION DU SAVOIR DANS LES CULTURES POPULAIRES DE MATRICES AFRICAINS

**Résumé:** Cet article aborde les formes de transmission des connaissances acquises dans l'univers de la culture populaire, faisant usage de l'oralité. L'oralité est une connaissance fondamentale des cultures africaines. Est un héritage direct de la culture africaine au Brésil, qui se transforme en force communicative quand verbalisé dans les processus de la plomberie. Sont présentés ici des strates dans une perspective de récits construit de saisie de l'histoire des noirs au Brésil, aussi bien l'utilisation de la musique populaire comme une méthodologie

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC –Rio; Professor Adjunto Doutor no Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio/RJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1ª Unigranrio/Funadesp e líder do Grupo de Pesquisa Relações Raciais, Desigualdades Sociais e Educação no CNPq.

<sup>2</sup> Mestra em Letras e Ciências Humanas, professora substituta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Rede Pública.



d'enseignement et de la connaissance de transfert. Les anecdotes personnelles et de la musique, communique l'histoire, expérience, valeurs, connaissances et expertise. Toutes ces réalités sont exprimées en noir, corporalité dans leurs discours, les danses, les chants et les rituels. Connaissances communiquées par ces tableaux africains dans différents types d'espace fécond de roues pour le partage de l'héritage ancestral.

**Mots clés:** Tableaux africains ; L'histoire orale, connaissances, Culture populaire

### LA TRANSMISIÓN DEL CONOCIMIENTO EN LAS CULTURAS POPULARES DE MATRICES AFRICANAS

**Resumen:** Este artículo trata de las formas de transmisión del conocimiento construidas en el universo de las culturas populares, utilizándose de la oralidad. La oralidad es una marca fundamental en la comprensión de las culturas africanas. Es una herencia directa de la cultura africana que se transforma en fuerza comunicativa cuando verbalizada en estos procesos. Son presentados acá estratos de narrativas construidas en una perspectiva de aprehensión de la historia de los negros en Brasil, bien la utilización de la música popular como metodología de enseñanza y transmisión de conocimiento. A través de las narrativas y de la música, se comunica la historia, la vivencia, los valores, los saberes y conocimientos. Todas esas realidades se expresan en la corporeidad negra, en sus hablas, danzas, músicas y rituales. Los saberes comunicados por esas matrices africanas encuentran en los diversos tipos de rincones espacios profucos para compartir la herencia ancestral.

**Palabras-clave:** Matrices Africanas; Historia Oral, Conocimiento, Cultura Popular

### INTRODUÇÃO

*Foram me chamar eu estou aqui que que há  
Foram me chamar eu estou aqui que que há  
Eu vim de lá eu vim de lá pequenininho  
Mas eu vim de lá pequenininho  
Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho  
(Maria Bethania)*

*Tá na hora de partilhar ê ô ê ô  
Tá na hora de partilha  
(Canto da missa da consciência negra)*

Partilhar é dom! Partilhar é uma dádiva divina! Pisar no chão devagarzinho é sentir o espaço, o lugar, as pessoas onde ocorrerá a partilha. Isso é aprendizado e é ensinado na cantiga. Trata-se de um elemento fundamental de traços das africanidades na cultura brasileira.

Ao receber o convite para fazer parte de uma mesa sobre “*Tradição Oral e Cultura Popular*” no Seminário Internacional Conhecimentos Compartilhados: Tradição e Modernidade, evento organizado pela USP e Unigranrio, senti aumentar em mim as



preocupações e ansiedades. Perguntava-me como dar conta de forma interessante de algo tão grandioso. Entendia que se tratava de um tema instigante, mas que dependendo da forma de abordagem poderia não responder às expectativas. Entre uma conversa e outra com colegas optei por encaminhar uma discussão que estivesse vinculadas à algumas vivências no campo das africanidades. Tomei a liberdade de convidar, em caráter de compartilhamento, uma ex-orientada, cujo trabalho tinha tudo a ver com o que estava proposto para a referida mesa de debates. De uma série de conversas com Cristina da Conceição Silva, nasceu o texto que ora apresentamos em forma de ensaio, visando propiciar um fecundo debate na Mesa Redonda: *“Tradição Oral e Cultura Popular”*.

A primeira parte do texto é dedicada a abordar narrativas construídas nos anos oitenta e noventa, com senhoras negras, no contexto do *“aprender com os mais velhos a nossa história”*, por entender a relevância dos conteúdos nelas abordados para esse contexto das discussões em pauta. A segunda parte do texto utilizamos para retratar, como no contexto da oralidade, a música, neste caso no samba, atua uma metodologia particular de ensino e transmissão de conhecimento. Com isso recobramos aspectos do trabalho de Cristina por ocasião da elaboração de sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio.

A transmissão do conhecimento, por muito tempo na história, foi prerrogativa das instituições de ensino. São as academias que em última análise têm legitimado o conhecimento que adquirimos. Trata-se de uma concepção cultural. Em muitos casos, uma concepção dominante, que desconsidera outras possibilidades de existência e transmissão de saberes. Na contemporaneidade novas possibilidades de tratamento do conhecimento têm sido recobradas, o que tem proporcionado uma riqueza imensurável no modo como as diferentes tradições culturais se nos apresentam e dão a sua contribuição no processo de valorização das diferenças.

### **NOSSOS VELHOS NOS ENSINAM**

A oralidade é uma marca fundamental na compreensão das culturas africanas. “Por uma questão cultural, na tradição do povo negro, o conhecimento tem na oralidade a sua fonte fundamental, ao passo que a escrita, ainda que detenha certa importância, é menos utilizada”. Assim se expressava o grupo do Congado de Minas Gerais em sua



mensagem enviada aos grupos negros que refletiam teologia negra no Rio de Janeiro em 1994. “Na tradição oral, na história que passa de pai para filhos e filhas, de mãe para filhos e filhas, de modo cotidiano, vai se dando a educação e o crescimento na fé” (ROCHA, 1998, P.197) É uma herança direta da cultura africana no Brasil, que se transforma em força comunicativa quando verbalizada nos processos de ensinamentos.

Por ela comunica-se a história, a vivência, os valores, os saberes e conhecimentos. Ela se expressa na corporeidade negra, nas suas falas, danças, músicas e rituais. Não se pode negar que vivemos em uma sociedade onde a história dos negros tem sido muito mal contada do ponto de vista história oficial. Entretanto, uma história diferente tem sido preservada, e vez por outros elementos dessa história são explicitados em conformidade com as circunstâncias. Referimo-nos aqui àquela história que de modo informal é transmitida pelos mais velhos, “a la correio nagô”<sup>3</sup>. Esse mecanismo metodológico de ensinamento propiciou aos grupos negros no Brasil um profundo e fecundo contato com a dimensão negada da nossa história enquanto afrodescendentes. As descobertas proporcionadas no processo da negritude realizaram um reencontro dos negros no Brasil com sua dimensão de ancestralidade. Os traços dessa ancestralidade estão imersos em uma história invisibilizada nas construções socioculturais desde os tempos mais remotos da colonização eurocêntrica imposta nas Américas. Nascidos da história negada, renascendo da história recontada sob uma nova ótica, os valores das culturas africanas e ou afro-brasileiras e até mesmo afro americanas performatam novas identidades, reavivam novos sujeitos e explicitam novos saberes que são transmitidos através da oralidade.

Os nobres de nosso povo não são apenas os mestres e doutores certificados pelas instituições acadêmicas. Os nobres são também os detentores de saberes ancestrais, os responsáveis pela preservação, cuidado, zelo e transmissão dos saberes e do modo de compreender o mundo, a natureza e os seres vivos de um modo relacional. Neste contexto, os mais velhos ocupam lugar privilegiadamente de notoriedade. Longevidade é sinônimo de sabedoria. Sabedoria é sinônimo de patrimônio imaterial. São esses sábios quem controlam os saberes e têm o discernimento da hora certa, do lugar certo, das pessoas certas a quem devem ser transmitidos. Esses saberes encontram-se

---

<sup>3</sup> Expressão que denota um modo de comunicar uma realidade que envolve o boca à boca, ou boca à ouvido. Um conta para o outro, que ouve e conta para outro, e mais outro e tantos outros, formando assim uma verdadeira corrente de comunicação.



fundamentados na Tradição Oral. Tradição entendida aqui como herança de nossos ancestrais, ou seja, tudo aquilo que eles conheceram e com uma metodologia muito particular, transmitiram. Segundo Meihy & Holanda (2007,p.40) “ seguramente a mais difícil, **intirncada** e bonita forma de expressão da historia oral é á tradição oral”.

Um entre tantos, ensinamentos nos grupos negros que redirecionou o agir e o estar no mundo de tanta gente a partir dos anos 1980 foi a descoberta dos mais velhos sob a ótica das africanidades. Decorreram de tal descoberta processos sistemáticos de escuta dos mais velhos. Muito eles tinham para contar. Muito eles tinham a nos ensinar. Por sua vez, muito tínhamos a escutar e aprender. Aprender sobre eles, suas histórias, suas vidas, sobre nós mesmos, a história de nosso povo, suas lutas, seus sonhos e suas esperanças.

A história que não foi contada tornou-se uma bandeira de luta no cotidiano dos grupos negros e estímulo impulsionador da perseverança de grande parte da militância negra. Impressionava o crescimento entre os grupos pelo interesse em construir e reconstruir narrativas envolvendo as pessoas mais velhas ligadas aos nossos pais e avós. Em muitas ocasiões eram realizados momentos especiais onde esses mais velhos falavam aos mais novos de forma coletiva em encontros, contando sobre suas vidas e histórias.

Em clima de quase euforia, cada um de nós perscrutávamos em nossa própria história a existência de pessoas mais velhas, simplesmente pelo gosto e certa necessidade em ouvir suas histórias. Em algumas situações eclodiam emoções tamanha, que as histórias necessitavam ser interrompidas. Recordo aqui a título de exemplificação uma narrativa interrompida várias vezes com uma senhora de 96 anos. Essa apenas concluiu sua narrativa um dia antes de morrer.

Cabe destacar em sua narrativa que cada vez que começava falar dos tempos de escravidão as lágrimas lhe vinham aos olhos e ela dizia “*vamos deixar isso para outra hora... o tempo dos antigos era muito duro...*”. Empolgado com tais descobertas que vinham sendo partilhadas nos grupos negros, a insistência em saber o que aquela senhora tinha a dizer me instigava e inquietava. Surpreendentemente, um dia recebo um telefonema dizendo que àquela senhora queria conversar comigo. Então fui à sua casa.

Lá chegando estava ela sentada em uma velha cadeira na entrada da casa, que na verdade tratava-se de um barraco. Pedi-lhe a benção conforme sempre fazia cada vez



que lhe encontrava. Sempre ela respondia ao me pedido dizendo Deus te abençoe meu filho. Dessa vez ela mudou a resposta e de modo surpreendente, para mim, respondeu “meu Pai Oxalá lhe abençoe”. Percebi algo diferente naquele encontro. Em virtude da participação na caminhada da negritude, não era novidade para mim o estreitamento dos laços de fé que a formação cristã me havia imposto, com a dimensão de fé ligada à ancestralidade africana. A novidade estava na forma como aquela senhora se reportou a mim. Ofereceu-me um café com biscoitos de araruta, como sempre fazia. Ela adorava biscoitos de araruta e dizia que era tradição de sua mãe, um costume de Minas Gerais. A conversa girava sobre muitas coisas e num determinado momento ela ficou em silêncio alguns instantes, sentada com a mão segurando o queixo olhando firme meus olhos. Um olhar deverasmente penetrante. Então começou a falar e aqui descrevo sua fala.

*“ meu filho, mandei lhe chamar, sabe aquelas historias que sempre voce me pedia para contar? Hoje preciso contar uma parte que nunca tive coragem de contar. É uma parte de muito sofrimento, muita dor, muita maldade. No tempo dos antigos, os pretos eram escravos. Meus avós foram escavos, assim contava papai. Os irmaos dele foram escravos. Quando a Princesa Isabel acabou com a escravidao, o senhor chamou os escravos- mais de 30- e mandou eles descascar um paiol de milho, porque eles iam ficar livres. Os escravos entraram no paiol- até cantavam de alegria- aí aconteceu a desgraça. O senhor fechou o paiol, tramelou a porta por fora e tacou fogo. Isso aconteceu meu filho. Pura malvadeza. Irmãos do meu avô morream assim. Essa dor é parte de nossa vida”. (registrado em 1989)*

Eu ali diante dela quase que paralisado ouvindo essa história, observava que de seus olhos brotavam gotas de água que escorriam pelo rosto e pingavam ao chão. Meus olhos solidarizaram com os olhos dela e certamente nossos corações naquele momento pareciam um único coração latejante. Nos abraçamos por alguns instantes. O silêncio se fez amigo e parceiro do momento. Apenas os soluços do choro dela e meu interagiam com o silêncio. Aos poucos, juntos nos refizemos. Então perguntei a ela sobre o modo diferente como me abençoou – “*meu Pai Oxalá lhe abenço*”, pois todas as outras vezes ela sempre disse “*Deus te abençoe*”. Então contou-me:

*“... no tempo dos antigos os negros tinham sua religião que era bem diferente da religião do branco. Esa religião não era aceita pela igreja. Aí virei católica. Mas uma coisa eu sempre guardei – os meus Orixás. Isso é herança. Herança não se despreza. Herança a gente guarda e cuida. Uma filha de Oxalá sempre é uma filha de Oxalá”. E olhando firme em meus olhos disse: “e voce também é*



*filho de Oxalá. Dizendo isso juntou minhas mãos entre as suas, apertou por uns instantes e falou novamente: “herança a gente cuida... agora voce pode ir me filho. Vai abençoado pelo nosso Pai Oxalá.”*

Voltei para minha casa e de certo modo impactado com o ocorrido. Uma serie de questões passaram a me inquietar. Por que tudo aquilo agora? Por que tanto tempo ela demorou para me contar tais acontecimentos? Por que nunca havia falado de sua relação com os Orixás? Tudo isso se passou numa quinta-feira à tarde. No dia seguinte, uma sexta feira mais ou menos pela mesma hora que no dia anterior aconteceu nossa conversa, recebo a notícia do falecimento daquela senhora. Uma espécie de filme me passou pela cabeça onde na tela era reproduzido passo a passo o nosso encontro e palavras por palavras no dia anterior. Naquele momento consegui vislumbrar e entender algumas coisas da nossa conversa. Aquela senhora parecia dizer - existe uma necessidade de continuidade da história. Na tradição ou nas tradições culturais africanas os portadores dos saberes que garantem o elo da história pela via da oralidade, sabem hora e momento em que isso deve se repassado e ou ensinado. Não é apenas um contar história, são ensinamentos e orientações para a vida que são transmitidos. Foi um encontro muito marcante na minha trajetória no universo das africanidades, de modo particular nas coisas relacionadas à religiosidade ancestral.

Outro acontecimento particularmente interessante se passou no início dos anos 90 na Baixada Fluminense. Os eventos celebrativos e comemorativos em torno do centenário da abolição legal da escravatura impulsionaram muitos militantes negros ao um envolvimento com as lutas de combate ao racismo e discriminação. Nesse contexto o acercamento às religiões de matrizes africanas tonou-se muito mais intenso. Muitos militantes passaram a ver com olhos diferentes a relação com os terreiros. Alguns se descobriram partícipes ou herdeiros de uma ancestralidade nunca explicitada até então. A dimensão religiosa com traços de africanidades passou a fazer parte da vida de alguns militantes. Devido a sua inserção nos movimentos sociais, e de um modo particular, nas comunidades eclesiais de base, a relação com aspectos da religiosidade de matriz africana acabava significando transtornos no cotidiano da vida na ação eclesial. Nessa época uma jovem catequista, com longo tempo de dedicação à comunidade eclesial, passou a vivenciar um grande conflito no exercício de sua prática



de fé. Ela não sabia como conciliar sua pertença ao terreiro, descoberta no processo de valorização das coisas da negritude e da cultura negra, com suas aulas de catequese.

Aqui está o ponto central do episódio: a Yalorixá, com seu saber pautado na Tradição Oral, que utiliza-se de diferentes métodos de ensinamento, lhe chamou e lhe disse: *“minha filha, come e limpa a boca, quem é que vai saber que comeu?”*. Chamou-me a atenção a forma tão simples, mas profunda apontada pela Yalorixá, como solução de um conflito existencial daquela jovem. Dali outros ensinamentos decorreram à medida que a Yalorixá pacientemente foi contando as artimanhas necessárias utilizada pelos negros nos tempos da escravidão para garantir que não se perdesse a religião que os negros trouxeram da África. Disse ainda: *“tem coisas minha filha que não dá para a gente negar, pertence a gente... mesmo que tenha ficado escondido por tanto tempo”*.

Ela se referia ao fato de que muitos passam grande parte da vida sem sequer descobrir que tem orixá. *“Mas nós somos africanos!”*. Tal ensinamento veio em encontro com uma música – *“Sou de lá d’África, se eu não sou de lá meus pais são de lá d’África...meus avós são de lá...meus ancestras são de lá da Africa.. pelas minhas coisas sou de lá da Africa.... Pela minha reza sou de lá da África.... Pelos meus Orixás sou de lá da Africa...pela minha historia<sup>4</sup>... (Rocha 2005)”*.

### **A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DO CANTO**

As marcas da oralidade presente nos ensinamentos por meio de cantigas e ditados populares, na tradição yorubá são chamados de itãs. Essa metodologia de ensinamento é perceptível no cotidiano das comunidades negras em diferenciadas circunstâncias. Desde o *“come e limpa boca”* como as cantigas, simples, curtas que recebem nome *“uma letra”*<sup>5</sup> e a nossa mais popular representativa música brasileira – o samba.

O Samba carioca apresenta ao longo de sua existência um modelo de representação de expressão cultural que encerra um modo de ensinar presente nos grupos étnicos, vindos para o Brasil, do continente africano. Estes grupos trouxeram consigo seus ritmos e danças. Tais representações culturais, ao longo dos séculos, ao se

<sup>4</sup> Composição musical nascida no contexto da afirmação da identidade negra no ano de 2005.

<sup>5</sup> Jogar uma letra no contexto da oralidade no universo da cultura popular significa dizer uma verdade seguindo determinados códigos. Em muitas situações passa despercebido por quem não compartilha dos códigos consensuados naquele grupo.



incorporarem as expressões de grupos variados, existentes na cidade do Rio de Janeiro, deram origem a cultura afro carioca, em especial o samba.

No cenário brasileiro, há artes musicais identificadas pelo termo, como o samba de roda do Recôncavo e o samba rural paulista. No entanto, o samba do Rio de Janeiro se destaca por ser um acontecimento cultural forte. Atravessou o século XX, passando de alvo de discriminação e perseguição nas primeiras décadas a ritmo coligado com a própria nação, a ponto de ser um de seus símbolos (Theodoro et alli,2006)

Atualmente, o samba é celebrado como música popular do Brasil por excelência. Ele ocorre em todo o país em inúmeros gêneros e subgêneros e em amostras musicais de dança e de festejos da vida, ocasionadas pelo que foi difundido ao longo dos séculos pelas populações africanas e afrodescendentes que aqui viveram e vivem.

“Eu sou o samba o samba/ A voz do morro sou eu mesmo sim senhor/Quero mostrar ao mundo que tenho valor/Eu sou o rei do terreiro/Eu sou o samba/Sou natural daqui do Rio de Janeiro/Sou eu quem levo a alegria/Para milhões de corações brasileiros/Salve o samba, queremos samba/Quem está pedindo é a voz do povo de um país/Salve o samba, queremos samba/Essa melodia de um Brasil feliz”. (A Voz do Morro-compositor Zé Ketí.Ano 1955).

O povo brasileiro, no que se refere ao universo das manifestações artísticas, expressa através da música um modelo evolutivo, sofisticado e original, apresentando uma riqueza melódica e inúmeras possibilidades rítmicas. Nos quesitos harmonia e inventividade, os compositores e instrumentistas brasileiros fazem da nossa produção musical um produto cultural de exportação respeitado e admirado em todo o mundo. E o samba é a origem, a raiz, a tradição. É a essência que conta através do canto e do ritmo o cotidiano do homem comum, dos que fizeram a história de nosso território nacional.

O Rio de Janeiro com suas medidas de saneamento e urbanização da capital da República nos primórdios do século XX, aliados a outros fatores históricos e sociais, leva as populações mais pobres, dentre eles negros, estrangeiros e brancos empobrecidos para o sertão carioca. Em virtude do advento republicano, surgem moradias nas encostas e contra encostas dos espaços que envolvem a Zona Norte da cidade carioca. Assim, vão nascendo núcleos residências e comerciais nessa geografia. Nas margens da malha ferroviária, um meio de transporte de massa, auxiliou expansão, e o sistema de moradia para outros espaços da cidade, antes e após a Reforma Urbana do Centro da cidade.



Nesse contexto é que surge os bairros suburbanos e as relações étnico-raciais, através das culturas de matrizes africanas, especificamente, nos lugares que compreendem os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz.

O meu lugar, /é caminho de Ogum e Iansã,/lá tem samba até de manhã,/uma ginga em cada andar/ O meu lugar,/é cercado de luta e suor,/esperança de um mundo melhor,/e cerveja pra comemorar... O meu lugar,/tem seus mitos e seres de luz,/é bem perto de Oswaldo Cruz,/Casadura, Vaz Lobo, Irajá./O meu lugar,/é sorriso é paz e prazer,/o seu nome é doce dizer,/Madureira, lá, laiá./Madureira, lá, laiá.../Ai meu lugar,/quem não viu Tia Eulália dançar, Vó Maria o terreiro benzer,/e ainda tem jongo à luz do luar.../Em cada esquina um pagode um bar, em Madureira./Império e Portela também são de lá./Em Madureira.(“O Meu Lugar”, de autoria de Arlindo Cruz & Mauro Diniz).

Os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz e seus novos moradores que vieram das fazendas de café do Vale do Paraíba e do Centro da Cidade, através da malha ferroviária, buscaram um espaço para viverem com dignidade. No sertão carioca, cercado de campos vastos e amplos terrenos, a população fixou suas residências nos bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. Na falta de entretenimento público nestes bairros, os moradores passam a promover encontros festivos nos grandes quintais que residiam, e assim, minimizavam as ausências de políticas públicas, importantes para a dignidade humana. Os encontros festivos, nos quintais dos novos moradores, culminam inicialmente em Blocos Carnavalescos, que, tempos depois, recebem a denominação de Escolas de Samba. Tais eventos promoveram encontros entre músicos e compositores já consagrados no mundo do samba e revelaram novos talentos no samba carioca.

Os enredos das escolas de samba são ensinamentos transmitidos no carnaval carioca. A concepção de escola de samba explicita um lugar de ensino e aprendizagem com outras metodologias. Nesse espaço os novos mestres negros dão o tom dos conteúdos nos enredos. Aqui é perceptível a forma como fluem as realidades relacionadas às matrizes africanas. Cada uma das letras é carregada de simbologia que induz à uma religiosidade latente no universo da cultura afro brasileira e que muitas vezes as relações sociais acabam inibindo suas manifestações através da intolerância e dos preconceitos.

Fica evidenciado em nossas análises que o modo como os negros vivenciam suas religiosidades é explicitado nos momentos mais importantes de suas vidas. O



carnaval é um desses momentos para os negros. Trata-se de um espaço privilegiado de transmissão de saberes que durante o ano inteiro encontram mecanismos de interdição na sociedade brasileira. Muitos elementos característicos de afirmação de identidade e dignidade humana podem ali ser expressos. A espiritualidade negra é uma herança religiosa africana. A fé do negro apresenta traços característicos de sua relação com a ancestralidade africana. Isso está na compreensão dos negros, o que faz com que sua concepção de sagrado imerso na vida ecloda nas festividades como em qualquer outro espaço de vivência e convivência humana. A ritmicidade, a sonoridade dos tambores, nas baterias do carnaval, forma ambiente propício para o desfile ou a dança dos Orixás, realidade que os compositores, os sambistas e os carnavalescos compreenderam na cultura brasileira. A exploração de múltiplos aspectos da religiosidade de matrizes africanas no carnaval carioca tem ido recorrente no processo de e composição dos sambas enredos das escolas de samba. Tornou-se natural encontrar nas letras dos enredos a retratação dos Orixás. De certo modo é uma forma de se recolocar no contexto do ensino e transmissão oral de saberes outrora desconsiderados no cotidiano da vida do povo brasileiro.

O estreito vínculo do samba com a religiosidade é uma realidade que se percebe na vida do negro desde os primeiros anos de sua presença nas Américas. Musicalidade, religiosidade, ritmicidade, cultura, são realidades indissociáveis na vida do modo como o samba enredo interage com a temática da religiosidade africana vai criar uma nova configuração no cenário do carnaval. A presença do sagrado no cotidiano da cultura brasileira vai demarcar então um relevante aspecto da identidade nacional, com isso acentua o caráter plural da cultura brasileira, e destaca que, para além das matrizes indígenas, e europeias, existe uma grande variedade cultural no âmbito da africanidade.

O vínculo umbilical com a africanidade é herança. Em função dos processos de discriminação e exclusão, o mundo da academia por muito tempo ignorou os saberes advindo desse universo cultural, sobretudo porque os “mestres” dos saberes não são portadores de diplomas universitários. As universidades se posicionaram como detentoras do conhecimento, cuja legitimação é o diploma de mestre e doutor. As tradições culturais têm demonstrado que o conhecimento é apenas um tipo de saber. Existem outros tipos de saberes tão relevante quanto o saber instituído nas academias. É verdade, são saberes diferentes, construídos por caminhos e métodos diferentes, com



sujeitos diferenciados, entretanto com a sua relevância devida na trajetória da humanidade.

Os traços da oralidade africana na cultura brasileira se expressam em forma de rodas. As rodas são lugares privilegiados de ensinamentos. É um povo que não vive sem a roda. Essa realidade no Brasil pode ser percebida na roda de capoeira, onde instrumentos, palmas, corpos e gente se comunicam num verdadeiro processo de interação na divulgação de arte e saberes. Quem nunca ouviu falar de uma roda de capoeira? A configuração dos participantes da capoeira se dá em forma de círculo, o que ficou naturalizado como sendo a roda de capoeira. Segundo Rocha (2007),

Existem no país inúmeros desses grupos que, preocupados com a preservação de uma forma de resistência da comunidade negra na história, desenvolveram um verdadeiro processo educativo abrangendo crianças, jovens e adultos. Alguns estão preocupados com a capoeira apenas como dança e arte, mas a maioria reconhece nela uma herança cultural, a partir da qual se pode resgatar valores marginalizados da comunidade negra. (Rocha, 1998, p.29)

Segundo a compreensão dos mestres de capoeira, a disposição em forma de círculo auxilia a fluência da energia entre os participantes.

A roda é a forma de cada um ver o outro, sentir o outro, comungar com o outro. É na roda que a gente conhece o nosso companheiro de luta. Ela proporciona a troca de energia, valor fundamental na cultura afrobrasileira, e fortalece os laços de comunicação entre todos. É o lugar de cultivar e cultivar a nossa mística. (Mestre Irany).<sup>6</sup>

Oliveira, prefaciando o trabalho de José Milton Ferreira da Silva, *Linguagem do Corpo na Capoeira*, a roda da capoeira “aparece como representação simbólica do mundo. O que comanda é o movimento. E movimento, neste contexto, é pensamento. O pensamento na roda de capoeira é o movimento”. (Silva 2003, p.15)

A fluidez e a dinamicidade da prática da roda de capoeira é sustentada por meio dos instrumentos básicos. Os tambores, os berimbaus e agogôs, compõem a orquestra responsável pelo espetáculo dos corpos. Nesse espetáculo, se expressa a educação física dos corpos no bailar dos movimentos. Nos movimentos é perceptível o grau de

---

<sup>6</sup> Fala de um mestre de capoeira – Mestre Irany- em um encontro de reflexões sobre a teologia negra. Nova Iguaçu, RJ, 1994.



integralização do ser corpóreo em suas múltiplas dimensões. Exigências como concentração, flexibilidade, força, autocontrole, astúcia, resistência, conhecimentos, educação e o cuidado, são integrados e revelam uma consciência corpórea, estabelecendo uma sincronização do sujeito com o mundo.

Nos terreiros, a presença dos Orixás, expressão máxima da espiritualidade africana em uma comunidade humana, se processa na roda. É na roda que dançam-se as cantigas e toques os Orixás. Ali se salva o Orixá. É a roda o lugar do Orixá dançar. Não existe culto aos Orixás sem a roda. De modo muito semelhante, o jongo, uma das lindas expressões da cultura brasileira de traços africanos se realiza também na roda. Uma roda de jongo é certeza de alegria, de festa e de folia. No universo da música popular brasileira, as rodas de samba e pagode evidenciam que nas matrizes africanas esse é espaço de profunda relevância no cotidiano da vida a comunidade negra. Em todos esses espaços caracterizados pelas rodas, fomentam-se de elementos da oralidade. A dinâmica da existência humana para as culturas de matrizes africanas obedece a dinâmica da roda.

A vida é uma roda e nela se configura a fluência da energia vital.<sup>7</sup> Cabe ainda, destacarmos, do ponto de vista simbólico o quanto é sugestivo a proposição das discussões temáticas do evento em forma de mesas redondas. Na cosmovisão de várias culturas africanas, de modo particular na cultura Yorubá, a junção do Ayê e do Orum formando o que entendemos como sendo o céu e a terra nos induz a conceber o mundo como o encontro de dois semicírculos, que em última instância induz à circularidade de toda a criação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões acerca da oralidade, além de nos ser muito caras, são verdadeiras possibilidades de compartilhamento de saberes. Elas nos garantem realizarmos aproximações do “vivido” com as vivências atuais, fomentando elos ou redes de saberes. No conagraçamento de saberes partilhados dá-se o fortalecimento dos aspectos indenitários contidos na história, muitas vezes não contadas e ocultadas em função dos processos de dominação cultural. Por meio da oralidade, o dom da partilha de saberes é

---

<sup>7</sup> Nos anos 1994 a 1998 alguns grupos negros se reuniam para desenvolver uma reflexão teológica com os pressupostos da negritude na Baixada Fluminense. Nessas oportunidades as conversas se davam com os participantes organizados em forma de roda. Tamanha foi o significado das oralidades ali compartilhadas que nasceu uma pequena publicação a partir das reflexões e foi intitulada “Deus na roda com a gente”.



explicitado. A herança das africanidades é metodologicamente ensinada através de mecanismos tradicionais preservados na sabedoria popular. Ora na fala, ora no canto, na dança ou mesmo nos ditados populares, os *segredos* de uma tradição cultural ancestral vão encontrando o seu lugar em uma nova maneira de grupos e povos participarem do fazer história como sujeitos da mesma.

Demonstramos nesse texto que existe uma grande riqueza no universo da cultura popular, cujos mecanismos de sua apreensão ainda encontram certa desconfiança na perspectiva da construção do conhecimento. Muitos são os sujeitos, referimos aqui, os mestres e griôts, invisibilizados nos processos socioculturais, menosprezados em seus saberes diversos e conseqüentemente colocados à margem do reconhecimento. Finalmente, a oportunidade de debater tal temática nos coloca num horizonte de qualificação de nossas formas de olhar e ouvir o que nossos griôts têm a dizer sobre a história e sobre a vida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Delgado *História da Cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Coleção Biblioteca Carioca, 1990.

COSTA, Haroldo. *Na Cadência do Samba*. RJ: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – Secretaria de Cultura, 2000.

FERNADES, Nelson Nóbrega. *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro 1928-1949*. RJ: Coleção Memória Carioca, 2001.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. SP: Vértice, 1990.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. RJ: DP&A, 2001.

MEIHY, Jose Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fabíola. *História Oral como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

THEODORO Helena; et alli. *Dossiê das Matrizes do samba do Rio de Janeiro*. RJ: IPHAN, 2005.

ROCHA, Jose Geraldo da. *Teologia e Negritude: um estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros*. Santa Maria: Palloti, 1998.

SILVA, Jose Milton Ferreira. *A Linguagem do Corpo na Capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.



SOUZA, Eduardo Conegundes de. *Roda de Samba: Espaço da memória, Educação Não-formal e Sociabilidade*. Campinas: EDUEC, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 25/06/2012.

*Recebido em setembro de 2014*  
*Aprovado em janeiro de 2015*